

Marina, Lilith ou Eva em *Angústia*

Entre as múltiplas possibilidades de estudo que o romance *Angústia* de Graciliano Ramos oferece ao exegeta junguiano, esta escolha recairá, na presente análise, em aspectos do mecanismo de projeção do narrador autodiegético, Luís da Silva, em seu interrelacionamento com a protagonista Marina.

Na análise do comportamento sexual de Luís da Silva e do seu encontro com o feminino, deve-se levar em consideração preliminarmente, as características do introvertido e sua acentuada instintividade, estimulada, desde a mais tenra idade, pelos hábitos rurais, sedimentada pelas energias oriundas do inconsciente coletivo ou pessoal, subjacentes nas ações praticadas à margem do controle do ego.

Jung atentou para o fato de que “ Quanto mais civilizado, mais consciente e complicado for o homem, tanto menos ele será capaz de obedecer aos instintos.” (2:18)

O conceito de anima e projeção arquetípica, desenvolvido pela psicologia profunda do mestre suíço em *Aion* (2:6-20), lança uma luz sobre a personalidade do protagonista, na situação de parceiro amoroso. “Assim, anima é, presumivelmente, a representação psíquica da minoria de gens femininos presentes no corpo do homem.” (6:93)

Integram, também a anima, as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através dos milênios: o inconsciente coletivo é depositário de todas as impressões por ela fornecidas (6:93). “A anima encerra os atributos fascinantes do “eterno feminino”, noutras, é o arquétipo do femino.” (6:94) Constitui “uma produção espontânea do inconsciente.” (2:11).

Estes resíduos podem ser projetados mas como se sabe “não é o sujeito que projeta, mas o inconsciente. Por isso não se cria a projeção; ela já existe de antemão”(2:7).

Nise da Silveira acrescenta:

*Na primeira metade da vida a anima projeta-se de preferência no exterior, sobre seres reais, estando sempre presente nas problemáticas do amor, suas ilusões e desilusões. Mas, na segunda metade da existência, quando o jogo dessas projeções vai se esgotando é a mulher dentro do homem, durante anos reprimida, (porque no consenso coletivo um homem nunca deve permitir que o sentimento influa na sua conduta), quem penetra na sua vida sem ser chamada. (6:94)*

Esclarecendo sobre a personificação da anima, a psicanalista, baseada em Jung, afirma que ela pode apresentar-se nos sonhos, nos contos de fada, no folclore, nos mitos e nas produções artísticas. “As formas mais belas e horríveis de que se reveste são numerosíssimas; sereia, mãe d’água, feiticeira, fada, ninfa, animal, súcubo, deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estágios evolutivos. (6:95)

Os conceitos junguianos aqui reportados sobre aspectos da vida psíquica constituem um itinerário a seguir na abordagem do comportamento amoroso de Luís da Silva.

Visto como personalidade total, o seu Ego, ponto central da consciência não conseguiu atingir, no processo de individuação, o desenvolvimento necessário ao controle benéfico e positivo das energias libidinosas. Subjugado reiteradas vezes por forças inconscientes, cedeu aos instintos desintegradores, sobretudo no campo afetivo e passional. Dobrou-se aos sortilégios de Lilith, despreparado para receber as dádivas copiosas do arquétipo coletivo milenar.

Entregou-se às fórmulas da feitiçaria feminina, porque talvez dentro de si mesmo desejasse um algoz que lhe impusesse a autodestruição.

Teve relações sexuais com algumas prostitutas. Apaixonou-se por Marina, a mulher sedutora, mas nos moldes da sociedade patriarcal elegeu a jovem virgem para esposa e mãe de seus filhos.

Todas estas parceiras foram reconstruídas segundo o modelo feminino de sua “junguiano”. Que imagem arquetípica, portanto, Luís da Silva projetou nelas?

Não seria errôneo encontrar em todas, sobretudo na virgem Marina, traços ancestrais de Lilith, a primeira mulher de Adão, feita de fezes e imundície, nascida espírito demoníaco no final do 6º dia da criação. Fêz Jeová impura e humana, a antecessora e concorrente de Eva. A bela, a erótica, a sensual Lilith! (5:28)

É com esta estirpe feminina que se estabelece o diálogo amoroso do homem solitário, à espera de um momento oportuno, para descarregar as energias libidinosas inconscientes. Sua alma-Lilith, ansiosa em corporificar-se, orienta a escolha de prostitutas, ou mulheres liberadas, participes do ato de conjunção carnal.

As profundas camadas psíquicas do homem introvertido interagem com o mundo da percepção. Os sentidos exacerbados pelos estímulos exteriores ampliam o campo do desejo. Querem devorar e ser devorados pela fera faminta. Lilith é feiticeira, maga, atrai os homens ao seu regaço, estimula o olfato de sua presa.

Dominado pelo instinto sexual, Luís da Silva não podendo controlar o cheiro chamativo das mulheres (4:100), ataca-as, como fazem os cavalos respondendo aos apelos do cio. O assédio na repartição provocou a repreensão do chefe pois a vida em sociedade exige disciplinamento dos instintos. É o banimento de Lilith.

Segundo Roberto Sicuteri “o mito de Lilith representa certamente o arquétipo da relação homem-mulher, ao nível mais primitivo no sentido evolucionista.” (5:30).

Coberta de saliva e sangue Lilith é símbolo do desejo identificada à serpente, a Satã, perturbadora do sono de Adão. (5:32)

No princípio, ela foi um sonho erótico. Assim como Marina, preencheu a fantasia erótica de seu vizinho fixado obsessivamente em sua imagem, sem poder dela libertar-se sob pena de padecer de angústia.

Luís da Silva, pela perda de Marina, roubada por Julião Tavares sentiu o desespero, da mesma forma que Adão, quando Lilith fugiu de sua companhia por exigir uma troca de posição amorosa.(5:36-37)

Depois de ter profanado o nome de Deus Pai, afirmou-se como serpente, portanto como demônio. “Lilith é o veículo do pecado, da transgressão.” (5:39)

Pelo lado demoníaco, tem uma natureza astuta como a serpente, “a sua sabedoria de demônio é grande, mas por isso grande é também o seu sofrimento.” (5:40)

Na tradição hebraica “Lilith permanece na própria liberdade, endemoniada, quem sabe rainha no palácio do demônio, como seu espírito feminino.” (5:40)

Na tradição sumérica, Lilith é um espírito de volúpia.(5:41) Habita os lugares sombrios, sujos e perigosos; entre as pedras, no deserto, entre as ruínas. (5:45)

Desde a infância, a serpente acompanhou Luís da Silva, símbolo recorrente nas etapas posteriores de sua vida. Signo multívoco, ele é Lilith, nas cobras submersas no Poço das pedras. (5:26). Sicuteri, valendo-se da tradição sumério-acadiana, indica os lugares preferidos desse demônio que também é serpente: águas, poços, rios, lagos. (5:45)

Porque seduz os homens é chamada de serpente tortuosa.

As descrições físicas de sua incorporação em mulher, variam. Em alguns textos antigos, ela aparece como principal demônio feminino, com um corpo sensual, olhos brilhantes, “braços brancos cobiçantes; a boca e a vagina vibram como ventosas macias emanando vertiginosos perfumes de prazer.” (5:47)

Luís da Silva é prisioneiro não só dos odores sexuais das mulheres como também da sedução física, sobretudo de Marina, a jovem sensual em

quem identifica traços fortes de Lilith, aqueles que submergem no inconsciente dos homens.

*O rato roía-me por dentro. Senti cheiro de carne assada. Não, cheiro de fêmea, o mesmo cheiro que antigamente me perseguia, em meses de quebradeiras. (...) As pernas de Berta eram assim bem torneadas. Apenas as de Berta eram nuas, tudo em Berta era nu.*

*- Chi, chi, chi.*

*Lá estavam novamente os quadris expostos. Para que aqueles panos? Gritei interiormente, não era melhor que se descobrisse tudo?*

*Coxas descobertas, rabo descoberto.*

*Foi assim que vi Marina entre as pestanas meio cerradas, como Berta me aparecia.*

*As nádegas cresciam monstruosamente - e eu mal podia respirar. Se D. Adélia e Vitória viessem ali, veriam aquela armada: Marina despida, curvada para frente, mostrando um traseiro enorme. (4:70)*

A fantasia erótica de Luís da Silva prossegue:

*(...) o cheiro das flores, dos monturos, da água estagnada, entravam-me no corpo violentamente. Apertei as pálpebras. A poça de água, os canteiros mofinos, o monte de lixo sumiram-se. O que eu via bem eram os quartos brancos de Marina curvada, as coxas brancas. (10 :71)*

*(...) - e eu sentia uma espécie de desmaio com aquela aproximação.*

*(...) A visão obscena e os desejos líbricos esmoreceram.*

*- Sonhei nada!*

*Estava num entorpecimento estúpido. Tive a impressão extravagante de que o ar havia tomado de repente a consistência mole e pegajosa de goma-arábica. Nesse ambiente gelatinoso Marina se movia, nadava, desesperadamente bonita, o peitinho redondo subindo e descendo a querer saltar pelo decote abaixo, pimenta nos olhos azuis, os cabelos de fogo desmanchando-se ao vento morno e empestado que soprava dos quintais. Veio-me o pensamento maluco de que tinham dividido Marina. Serrada viva, como se fazia antigamente. Esta idéia absurda e sangüinária deu-me grande satisfação. Nádegas e pernas para um lado, cabeça e troncos para outro. (4:71-72)*

Barbara Black Koltuv, partindo da descrição do Zohar sobre a atividade de Lilith, afirma que do ponto de vista da psicologia masculina, “ela é tanto desejável como perigosa:

*Ela se adorna com muitos ornamentos, como uma desprezível prostituta, e posta-se nas encruzilhadas a fim de seduzir os filhos dos homens.(...) Os ornamentos para sedução dos filhos do homem são: o cabelo longo e vermelho como a rosa; as faces brancas e vermelhas;(...) (S)ua boca assemelha-se a uma estreita e graciosa passagem,(...) seus lábios são vermelhos como uma rosa e adocicados com todas as doçuras do mundo. Ela se veste de escarlata e se adorna com quarenta ornamentos menos um. O tolo a segue, extraviado, bebe o cálice de vinho, fornicava com ela e perde-se atrás dela. O que faz em seguida? Deixa-o adormecido no leito, voa para o céu, denuncia-o, despede-se e desce. O tolo desperta e pensa que pode divertir-se com ela como antes, mas ela tira seus adornos e transforma-se numa figura ameaçadora. Permanece de pé diante dele, envolta em*

*trajes de fogo flamejante, (...). (Zohar I 148 a-b Sitre Torah). (3:60-61).*

Retomando o romance *Angústia*, pode-se proceder a um paralelo entre algumas características de Lilith, constantes do texto acima mencionado e as de Marina, reveladas pela ótica do narrador autodiegético.

Marie-Louise von Franz resume o conceito junguiano de projeção “como uma transferência inconsciente, isto é imperceptível e involuntária de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior”.(1:10)

Desde o primeiro momento, Luís da Silva sentiu forte atração pela vizinha observando-a do quintal onde costumava ler à sombra de uma mangueira. Dali a namorava até conseguir uma progressiva aproximação, passando do diálogo ao contato físico, às escuras, e às escondidas, nas brechas da cerca.

“Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo.”(4:73,77)

Sentiu-se seduzido pela beleza da jovem, encantado por seus atributos físicos (4:69) que não cansava de apontar nas fantasias eróticas.

Apaixonou-se ardentemente por aquele objeto de desejo. Para alcançá-lo, tomou iniciativas: noivou, endividou-se comprando-lhe presentes embora nunca tivesse se sentido seguro de sua correspondência. (4:80-82; 96-97)

De onde vinha o seu temor? Dos vestígios de sua “anima” projetando em Marina, aspectos da sedutora Lilith: braços brancos, cabelos pegando fogo (4:28), faces e lábios pintados de vermelho (4:108), unhas cor de sangue (4:69), sapatos vermelhos, cores prefigurativas de um destino de prostituta (4:55). Confrontando-a com a arquetípica Eva, esposa e mãe, representada em seu inconsciente pessoal pela imagem da avó Germana, modelo da submissão feminina ao homem patriarcal, presente que não poderá dominar a pretendente, nem castrar-lhe a sexualidade que tanto o agrada e que tanto teme.

A angústia intensifica-se e o assédio torna-se obsessivo. O seu inconsciente guarda a lembrança da visita de Lilith, ao longo de várias gerações, aos homens que dormiam sozinhos, matando-os de prazer. E de sua oposição, por querer se mover, escolher, agir e decidir, à resignada Eva.

Sicuteri baseado na antiga tradição, conta que os homens, às vezes eram surpreendidos nus no leito, com o sexo em ereção com a mulher monstruosa, acocorada sobre o peito nu, imóvel e malvada, comprimindo-lhes a respiração, induzindo-os a “uma penetração abrasante.” Deixava neles uma sensação de opressão torácica e impotência total. Efeitos desagradáveis eram produzidos na vítima, desejosa de limpar-se de uma invisível sensação de nojo. Um suor frio espalhava-se pelo corpo, contraído em espasmos ou ânsias por ter sofrido o abraço atroz. A palpitação cardíaca aumenta. Este encontro inesperado com Lilith acarretava no dia seguinte mal-estar, depressão, choro, dores de cabeça e falta de firmeza nas pernas. (5:48-49)

*É pois de se notar, nestas descrições, a experiência de Angst, que é a pavorosa opressão, terror, pânico, ânsia, susto, que juntos formam a emoção do incubo. À Lilith é, indubitavelmente, atribuída também a qualidade de vampiro. (5:49)*

O sentimento ambivalente, desejo e temor do desejado, perpassa a narrativa amorosa de *Angústia*, nome pertinente dado a essa obra romanesca por Graciliano Ramos.

Quando o protagonista perde a possibilidade de fazer de Marina sua mulher, vendo-se privado das benesses sexuais sonhadas de Lilith, sofre um profundo desequilíbrio psíquico. Não podendo conviver com a frustração da privação do objeto amoroso sobre o qual projetara sua alma cai em angustiada melancolia e o seu ego

fragilizado deixa-se dominar por forças instintivas inconscientes e destrutivas.

Deprimido, persegue a mulher num processo alucinatório: os sentidos ajudam a aprisioná-la. Ouve seus sons no banheiro vizinho. (4:144-145) Vê os passos do casal traidor na calçada, ouve o deslizar dos pneus do carro do raptor Julião Tavares. Lilith abandona Adão à solidão e foge para as proximidades do Mar Vermelho.

Desiludido, Luís persegue o fracasso. Sem projeto de realização afetiva, sem o corpo de Lilith, perde o contato com o real: “agora é a experiência da morte possível, das febres malignas, do delírio regressivo, onde se precipita para trás, no estado arcaico, quase um angustiante *déjà vécu*.” (5:173)

A personagem, movida por uma compulsão irracional inconsciente, com base também em fatores culturais, procura no crime a solução de um problema passional; vinga-se, degrada-se, não reconquista Lilith. Em compensação o texto narrativo cresce em densidade emocional a partir desse desastre amoroso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FRANZ, Marie-Louise von. *Reflexos da Alma*. São Paulo, Cultrix-Pensamento, 1992.
2. JUNG, C. G. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis, Vozes, 1982.
3. KOLTUV, Barbara Black. O livro de Lilith. São Paulo, Cultrix.
4. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo, Martins, 1969.

5. **SICUTERI, Roberto.** *Lilith: A lua negra*. Trad. Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo. Rio, Paz e Terra, 1985.
6. **SILVEIRA, Nise da.** *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.